

Texto para a exposição Sem-Vergonha, fotografias de Ernesto Baldan

Hermano Vianna

2003

Na bela exposição de fotografias de Thomas Farkas, organizada recentemente pelo Instituto Moreira Salles, o espectador tinha oportunidade de observar imagens de Brasília em dois períodos históricos bem distintos: na época de sua construção e quase nos dias de hoje. Fiquei me perguntando se quem via as fotos dos anos 50 na época em que foram reveladas, tinha a mesma minha sensação ao me deparar com as imagens atuais. Thomas Farkas me mostrava a beleza de objetos prosaicos de nosso cotidiano, aqueles que nunca consideramos belos.

Ficou na minha memória uma foto onde essas mesas de metal, comuns nos bares mais populares, pintadas com as marcas de cerveja ou refrigerante, ocupavam local de destaque. As mesas dos bares dos anos 50, olhadas com o distanciamento histórico das décadas que se passaram, não envergonham mais ninguém. Pelo contrário, ganharam a nobreza que o tempo dá para qualquer imagem de um estilo de vida que já não existe mais. Mas a mesa de hoje, a que nossas "classes populares" usam todos os dias, parece agredir toda nossa noção de bom gosto, mesmo quando compõe fotos de enquadramento impecável.

Somos ensinados a ter vergonha diante de tudo que aparece e se torna popular, demasiadamente popular, agora, em "nossa" época. Depois tudo muda de figura: a música que é considerada brega, quando vira objeto de nostalgia, passa a ter uma aura de coisa "fina" ou "chique". Foi isso, por exemplo, que aconteceu com a produção da Motown, que nos anos 60 era tratada como lixo por críticos e policiais do bom gosto, e hoje é item obrigatório em qualquer coleção de discos sofisticada. A passagem do tempo, incluindo o afastamento entre o gosto popular e aquela manifestação cultural, faz como que um trabalho de "descontaminação" nos símbolos, facilitando sua aceitabilidade.

Outro exemplo de outra área: a nova arquitetura do centro do Rio, no início do século XX, dava calafrios em críticos que defendiam o bom gosto contra as cópias cafonas de edifícios franceses, na mesma medida em que hoje vemos tanta gente ter vertigens de horror, piedade e vergonha ao passar pela avenida das Américas, na Barra da Tijuca. Mas hoje o centro ganhou a pátina da credibilidade daquilo que já passou, e todo mundo acha que a Cinelândia vai ser sempre muito mais bela, ou interessante arquitetonicamente, que aquele encontro entre o New York City Center e o BarraShopping. Daqui a cem anos, quando uma outra Barra cair nas graças do gosto popular e "arrivista", provavelmente as pessoas passarão pelas ruínas do GameWorks e suspirarão com saudades de um tempo onde tudo era mais "digno".

Esses suspiros são fáceis. O difícil é olhar para o que é popular agora, e afirmá-lo na sua complexidade e - por que não? - beleza, sem nenhuma vergonha. Não estou falando de um olhar irônico, que aceita tudo com um pé atrás, em território defendido por uma postura de quem na verdade acha que a vida toda é uma lástima. Estou falando de outra coisa: de uma aceitação trágica da vida, como ela acontece agora, aproveitando o que ela tem de melhor e não querendo viver num tempo que já não existe mais, ou num mundo perfeitinho (e tão chique e chato como um restaurante de decorador wallpaper), que nunca vai ser o nosso mundo (ainda bem, pois viver nesse mundo do bom gosto oficial seria morrer de tédio). Foi isso que eu aprendi vendo as fotos de Thomas Farkas: tenho que gostar dessa mesa de ferro agora, antes que ela vire artigo hype e perca todo o seu encanto.

Nada mais fácil do que gostar da Jovem Guarda hoje. É um estilo tão "divertido", não é? Mas mesmo Caetano Veloso precisou da bronca da Maria Bethânia - que lhe dizia: "Vocês ficam com nesse papo furado aí e o que interessa mesmo é o Roberto Carlos. Vocês já viram o programa da Jovem Guarda na televisão? É genial, Roberto Carlos é que tá com tudo. Tem força, não é essa coisa furada aí." - para prestar atenção naquilo que estava acontecendo, e que o bom-gosto de então classificava como lastimável. Essa atenção para a Jovem Guarda foi um elemento importantíssimo para a explosão do Tropicalismo.

Tente fazer a mesma coisa com as jovens-guardas de hoje. Tente dizer para os amigos que você gosta sinceramente de pagode com sintetizador, de axé music ou do Bonde do Tigrão. Tente colocar essas músicas na trilha sonora de um desfile da São Paulo Fashion Week. Pode colocar Abba, pode colocar até Korn, mas tocar o que é realmente popular e o que está perto da gente, sem truques distanciadores (seria fácil pinçar esses elementos e colocá-los numa moldura de editorial de moda estilo revista Dutch - isso é ir no certo para agradar gringo que quer consumir nosso "exotismo", isso é fazer macumba para turistas pós-modernos), pra tocar isso é preciso ter muita coragem, é preciso ser muito sem-vergonha.

Por isso gostei tanto de ver o livro Meninas do Brasil, de Mari Stockler. Dá para perceber que ela gosta das roupas que as meninas do funk inventaram. Gosta não como artigo assim... "antropologicamente interessante". Gosta mesmo! E vê naquele estilo algo tão criativo como uma desconstrução belga ou austríaca assinada por estilistas que a garotada favelada e suburbana brasileira desconhece e nunca vai ter dinheiro para vestir (o que é uma pena - acho sim que deveriam conhecer e poder usar as roupas dessas grifes - imagine o pessoal dançando no baile funk com toda a coleção da Ann Demeulemeester - tudo bem, sei que ela não frequenta mais a lista das 100 pessoas mais poderosas da moda da Face, mas quem se importa com a Face? - ou com o Dior Homme de Hedi Slimane!) O bom é que mesmo assim essas meninas dão aula de modernidade e independência para grifes brasileiras que não fazem nada sem folhear as páginas de todas as revista importadas que chegaram no mês passado na Letras & Expressões.

Por isso também gosto das experiências fotográficas de Ernesto Baldan, que andam sempre na contramão do bom-gostismo clean e correm todos os riscos, sem nenhuma vergonha de olhar de frente para o que acontece agora nas ruas brasileiras, para o que o povo inventa e gosta de ter inventado, povo que encara tudo como uma grande brincadeira (uso brincadeira pois esse é o termo que foliões de boi-bumbá, reisado, congada e outros "folclores" usam para se referir às suas festas - festas que eu e Ernesto documentamos no livro Música do Brasil), diante da qual só quem tem a cabeça envergonhada pode não achar graça (falo de graça não apenas no sentido de bom humor, mas graça como dádiva elegante, salvação quase divina).

Voltando ao baile funk, meu exemplo-para-tudo preferido desde os anos 80 e território amado pelo Ernesto: o desgoverno da apropriação das marcas de surf, junto com a calça da Gang, os centímetros de lycra deixando a barriga de fora, as micro-saias, o descaso para com os mandamentos da indumentária hip hop, o físico malhado em academias da favela, a reinterpretação de tudo que é usado na novela ou no show da Sandy, ou de tudo que aparece na capa da Caras: essa é uma brincadeira da pesada, feita com o ar de quem não quer nada, mas que acaba criando muito daquilo que mais interessante aparece na moda urbana brasileira.

Do lado oposto, mas muito próximo: preste atenção numa patricinha emergente da Barra. A ousadia e o descompromisso com as "referências" é completo e gera um barroquismo-fashion-pop de calibre poderoso (o mesmo calibre que pode ser encontrado numa tarde de compras na Daslu, com aquela exuberante mistura de grifes caras, compradas - felizmente sem nenhum critério - por mulheres

também graciosamente desgovernadas).

O mais bacana é que o Ernesto não se contenta em registrar o que encontra nas ruas, nem tem a menor intenção de ser fiel à "realidade". A rua é uma deixa, um impulso, e passa a "funcionar" no regime da imaginação e das obsessões do fotógrafo. Ernesto sabe que a brincadeira das ruas pede mais brincadeira, brincadeira ao quadrado, que possa voltar para a rua e cair na brincadeira novamente, criando outras maneiras de brincar - para quem entra na roda, só brinca bem, com pressão, quem não tem vergonha mesmo de mudar a brincadeira, mesmo de introduzir elementos novos na brincadeira, gerando novos estilos brincantes para o mundo.

Ernesto sabe também que, no final das contas, não é preciso ter vergonha nenhuma da nova cultura de rua brasileira, e sobretudo não é preciso esperar o tempo ou um gringo qualquer vir nos dizer que essa cultura é cool. Ou - para dizer logo tudo, de supetão, e no desabafo: não é preciso ter nenhuma vergonha do Brasil; nem da maneira espalhafatosa como usamos - sem nenhuma cerimônia - as informações que nos chegam do resto do mundo; nem de ter um presidente que não sabe falar inglês; nem de não ter a roupa que os ditadores da moda dizem que está na moda; nem de viver num país que tem uma economia popular que nunca se comporta como os "grandes investidores" gostariam que ela se comportasse; nem de inventar novas boas maneiras (que sempre inventamos) para o resto do mundo - mesmo quando o mundo raramente toma consciência de nossas invenções.

E ter asco sim de uma elite que macaqueia as cansadas novas tendências de "lá fora" (inclusive as bobagens inventadas em MBAs de segunda, ou em congressos multiculturalistas de terceira, ou na Prada e nas cópias da Prada, ou no clube da ex-última-moda pop de Williamsburg, ou seminário anti-moda da aristocracia intelectual européia que sonha com um mundo pré-pop...), imitando tudo, tintim por tintim, sem nenhum senso crítico, sempre querendo não ter nascido aqui (e querendo transformar isso aqui num simulacro ridículo de um primeiro mundo "fino") e perpetuando assim a miséria - nunca cultural - da maioria da nossa população, que deveria - na vontade da elite - ter sempre vergonha de ser quem ela é, de se divertir da maneira que se diverte, de usar as roupas que usa, de gostar de comida a quilo (quando tem dinheiro para tal) - a verdadeira fusion cuisine!, e tantas outras "manias" que irritam tanta gente "bem nascida".

Ainda bem que as palavras pseudo-civilizatórias dessa elite triste não são levadas a sério pelo povo brasileiro, que continua não sentindo nada dessa vergonha que tentam lhe impor como condição humana. Pelo contrário: o povo brasileiro produz o tempo todo uma cultura sem vergonha de ser o que é, e de dizer o que quer ser, aqui e agora - inventando assim, cotidianamente, os atalhos para sua libertação.